

Carlos Maia, presidente do IPCB, comenta colocações

É preciso coragem política para defender o interior

Carlos Maia, presidente do IPCB, considera que tem que haver coragem política para defender a equidade territorial do país.

O presidente do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB), Carlos Maia, considera que “tem que haver, por parte de quem governa o país, uma atitude enérgica que defenda a equidade territorial e os interesses de Portugal”.

Aquele responsável comentava ao Reconquista os resultados da 1ª fase de acesso ao ensino superior, onde o IPCB preencheu cerca de 51% das vagas, sendo o politécnico do interior do país mais bem classificado e o sétimo a nível nacional.

A distribuição das vagas para os cursos entre as instituições do litoral e do interior é uma questão que o presidente do IPCB gostaria de ver resolvida. “Aquilo que verificamos é que nesta matéria do país está totalmente virado para o litoral. Este ano houve menos vagas a concurso e foi o interior do país que mais contribuiu para isso”, explica.

No entender daquele responsável é importante ter coragem política para intervir. “As instituições são um meio



Carlos Maia, presidente do IPCB

para qualificar as pessoas e desenvolver as regiões. E aquilo que verificamos é que cada vez menos portugueses têm acesso ao ensino superior, quando estamos 10% abaixo dos restantes países da União Europeia nesta matéria”, explica.

Aquilo que muitas das instituições do interior há muito defendem é que haja uma distribuição de vagas que garanta que os alunos tenham que escolher as instituições do interior, em determinadas áreas diferenciadoras. Isto porque a maioria dos jovens se encontra no litoral.

Carlos Maia considera que mais que as percentagens há que ter em conta os números absolutos. “O Politécnico de Castelo Branco acompanhou a tendência nacional”, disse, para depois referir que é um risco falar-se de rankings entre instituições.

O presidente do IPCB explica que a situação da Escola Superior de Tecnologia é a mais preocupante. A procura pelas engenharias tem vindo a descer, e este ano essa tendência saiu reforçada devido à exigência dos exames de matemática e física. “Tem que se atuar ao

nível do ensino secundário, pois é anormal as médias dos exames serem de 7,5 valores. Os nossos alunos não são piores que os de outros países”, disse.

Esald e Esart em pleno

Nesta primeira fase, as escolas superiores de Saúde e de Artes Aplicadas foram as que mais vagas preencheram (a saúde fez o pleno – 175 novos alunos e na Esart – 107 novos alunos - ficaram duas vagas por preencher). Nas restantes escolas, a Educação garantiu já 90 alunos por esta via, a Agrária 49, a de Gestão 36, e a de Tecnologia 17.

A segunda fase poderá aumentar os números de novos alunos no IPCB e Carlos Maia lembra que este não é o único mecanismo para a entrada de estudantes no ensino superior. “As formas de acesso ao ensino superior são variadas”, diz.

O presidente do Politécnico refere que “fruto dos concursos especiais, como os maiores de 23, ou dos próprios Cursos de Especialização Tecnológica, por exemplo, muitos dos nossos cursos ficam preenchidos. A nossa expectativa passa porque todos os cursos tenham no primeiro ano, pelo menos, 20 alunos”.

João Carrega